Joarles Bezerra dos Santos

A Direção do Amor

Se deixar-se guiar pelo Amor verá quão magnífica é a direção à qual Ele o levará...

FONTENELE
PUBLICAÇÕES



Joarles Bezerra dos Santos nasceu na cidade de Ibicuí, no interior da Bahia, em 11 de fevereiro de 1989. Embora a afeição e paixão pela leitura e, consequentemente, a escrita tenha surgido tarde, seu amor por ambas não é menos real e intenso que dos que desfrutam dessa paixão desde sempre. Sua paixão pela leitura e escrita o faz passar vários minutos e até mesmo horas com os olhos enterrados nas páginas de um livro e, principalmente, na tela do seu computador digitando. Como um leitor e autor novato, seu principal gênero/tema é o romance. Por isso é que escolheu escrever sua obra neste segmento. O seu maior objetivo hoje é, de alguma forma, através da sua obra, inspirar novos autores/as a rechear ainda mais nossa literatura. E também a conquistar novos leitores pelo país afora. Seu sonho não está relacionado a ganho pessoal, mas, sobretudo, à esperança de que possamos nos tornar pessoas verdadeiramente comprometidas com a verdade e com o bem comum. A sua principal inspiração, para sua obra, surgiu dos desígnios da luz divina. Assim sendo, seu principal objetivo, ao escrevê-la, fora, primeiro, poder inspirar o máximo de pessoas a viverem dignamente perante Deus.

Após perder seu pai precocemente num acidente trágico, ainda criança, Théo Mendes Silva teve de crescer apenas aos cuidados da mãe, que nem sequer tinha emprego. Alguns anos mais tarde, quando começou a encontrar um pouco de conforto, depois de tudo o que houve, foi surpreendido mais uma vez com outra perda quase tão significante quanto à primeira. A única forma de superar a segunda perda foi arrancar das suas lembranças uma das pessoas que ele mais amou. Contudo, a pior coisa que lhe sucedeu não foi nenhuma das perdas, embora ambas tenham sido dolorosas o bastante para mais tarde perder seu rumo. Anos depois, quando conheceu Fiorena e começou a namorá-la, a sua vida tomou um rumo que ele jamais imaginou que tomaria. De um garoto apaixonado pelos amigos e obediente a sua mãe, passou a ser alguém que não se importava com ninguém que não fosse a si próprio. Além de desviar-se dos ensinamentos de seus pais e de desligar-se das coisas do Alto, envolveu-se num mundo que tomou de si a capacidade de amar verdadeiramente. Viveu assim durante muito tempo até que, pelos desígnios do destino, ou melhor, divino, conheceu Clarisse, a pessoa que fez com que ele, aos poucos, mas de forma verdadeira, encontrasse a luz que envolveu as trevas que assolavam seu coração. Um romance repleto de encanto e amor verdadeiro, capaz de acender e reavivar o verdadeiro sentido da vida. Capaz de levar uma pessoa que percorria os caminhos do desamor a reaver os caminhos do amor pleno e sublime.

Copyright © 2022 por Joarles Bezerra dos Santos

A direção do amor
Joarles Bezerra dos Santos

1ª Edição

Dezembro de 2022

Edição:
Fontenele Publicações

Revisão:
Tatiana Braz

Diagramação e capa:
Carol Palomo

E-book:
Pedro Morais

ISBN – 978-65-5871-341-8

CIP – (Cataloguing-in-Publication) – Brasil – Catalogação na Publicação
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Santos, Joarles Bezerra dos

A direção do amor / Joarles Bezerra dos Santos. 1 ed. São Paulo, Fontenele Publicações, 2022.

(Digital);

ISBN 978-65-5871-341-8

CDD B869.3

Índice para catálogo sistemático
1. Romance 2. Ficção e contos brasileiros. I. Título

Fontenele Publicações
Av. Paulista, 1765 - 7º Andar cj 72 cv10028 - Bela Vista São Paulo/SP - CEP: 01311-930
Contato/WhatsApp: 11 98635-8887 / 95150-4383 / 95150-3481
contato@editorafontenele.com.br

O início do verão de 1995 foi quando percebi necessitar de uma radical mudança de vida. Eu tinha apenas vinte anos na época, muito jovem ainda. No entanto, após refletir bastante sobre como eu vivia, decretei ser hora de mudar. Eu não podia nem devia continuar vivendo daquela maneira. Portanto, concluí que a única saída para todos os problemas que eu enfrentava era viver uma vida nova. O meu maior arrependimento foi não ter percebido isso antes. Entretanto, nunca é tarde demais para se arrepender e reconhecer os seus erros. O mais importante foi que eu me arrependi, e estou, dia após dia, procurando melhorar cada vez mais.



SUMÁRIO

Prólogo 9
Capítulo Um 21
Capítulo Dois 39
Capítulo Três 47
Capítulo Quatro 65
Capítulo Cinco 71
Capítulo Seis 83
Capítulo Sete 95
Capítulo Oito 109
Capítulo Nove 123
Capítulo Dez 139
Capítulo Onze 147
Capítulo Doze 161
Capítulo Treze 173
Capítulo Catorze 189
Capítulo Quinze 207
Capítulo Final 223
Epílogo 243



PRÓLOGO

Sábado, 22 de dezembro de 1995.

Em uma manhã atípica de verão, acordei às sete horas. Estava caindo um temporal sobre a cidade de Quarente, algo raro, aliás. Como sempre, o comum seria uma manhã ensolarada no início dos verões por aqui. Eu havia combinado de sair, naquela manhã, com uns conhecidos meus. Íamos jogar bola no campo do outro lado da minha rua como fazíamos aos sábados, mas naquele dia não foi possível. Então a única opção era ficar em casa, já que não tinha para onde ir devido ao forte temporal que caía. Havia algumas desvantagens em ter que ficar em casa, por exemplo, a minha mãe sempre achava uma forma de me aperrear. Por isso, eu gostava de viver pela rua, de sair com os meus amigos, de fazer qualquer coisa, menos ficar em casa. Ali, agoniado, sem poder sair, eu olhava pela janela e a chuva continuava a cair. O barulho da chuva, ao atingir as diversas superfícies, era como música para os meus ouvidos. Parecia uma sinfonia belíssima, capaz de trazer uma calmaria para a minha alma, que eu não sentia há muito tempo.

Eu passava boa parte do tempo amargurado, culpando tudo e todos pelos meus próprios erros. A pessoa que eu mais culpava era a minha mãe, como se ela tivesse culpa pelas minhas escolhas estúpidas. Isso fez com que quase toda a minha adolescência fosse marcada por muita besteira. Todavia, eu nunca fui capaz de reconhecer o idiota que costumava ser. A minha mãe, a quem eu mais culpava, era quem menos culpa tinha. Ela precisou cuidar de mim, sozinha, desde os meus seis anos, pois o meu pai nos deixou precocemente. A perda do meu pai, o seu esposo, foi um baque terrível para ela.



Não foi nada fácil superar uma perda como aquela. Até hoje a minha mãe não superou, ela diz que sim, mas tenho certeza que não. Eu percebia, nos seus olhos, a falta que ela sentia do seu esposo. O que seria compreensível para qualquer um, mas eu não compreendia, não mesmo.

Eu era muito novo quando o meu pai faleceu, por isso não entendia muito bem o significado da morte, contudo recordo-me muito bem da dor que senti ao receber a notícia do seu falecimento. O meu mundo desmoronou com aquela notícia terrível. Eu tinha o meu pai como o meu herói, e perdê-lo tornou-se a pior coisa que me aconteceu. A maneira como ele morreu foi, ao longo dos anos, se tornando o motivo pelo qual culpei a minha mãe por um bom tempo.

O meu pai trabalhava como segurança de hospital apenas meio período de segunda a sexta pela manhã. Às vezes trabalhava como garçom no restaurante do seu melhor amigo Gusmão, pois precisava do dinheiro para ajudar nas despesas de casa. A minha mãe não tinha emprego, portanto todo o dinheiro extra que ele obtivesse era de muito bom grado. Ele amava o seu trabalho e tinha muito orgulho do que fazia, o dinheiro era necessário, mas não era o mais importante. O que realmente importava, sem dúvida, era a satisfação e o prazer que sentia em fazer o que fazia. A minha mãe o amava por isso.

As melhores recordações que tenho do meu pai são de quando ele me levava ao parque de diversões da cidade. Sempre íamos lá. Eu amava tudo no parque de diversões. O que eu mais gostava era das guloseimas que ele sempre comprava para mim: sorvete, algodão-doce, maçã do amor. Empanturrava-me com todos aqueles doces, como se fosse uma daquelas formigas-doceiras. Ainda havia vários brinquedos que eu não perdia por nada: carrinho bate-bate, carrossel, tobogã. Esses eram os que eu mais gostava. Costumava passar várias horas me divertindo em tais brinquedos. Para mim, não havia coisa mais mágica no mundo. Todas as coisas que citei eram maravilhosas, sem dúvidas, mas o melhor mesmo era estar com o meu pai, já que nenhuma diversão era completamente divertida sem a sua presença.

No dia em que o meu pai faleceu, como era final de mês, combinamos de ir à feira livre comprar as coisas que estavam faltando na despensa. Fa-

zíamos isso todos os finais de cada mês, desde que eu tinha cinco anos. A família costumava sair junto, mas naquele dia a minha mãe ainda não estava pronta no horário combinado de ir. Então meu pai e eu fomos primeiro; a minha mãe, logo em seguida. O local da feira livre ficava a poucos minutos de casa, portanto não havia problema nenhum de a minha mãe ir sozinha. Eu estava felicíssimo como sempre. Afinal, crianças se impressionam facilmente com qualquer coisa, eu, com certeza, mais que as demais.

Chegamos à feira livre há mais de uma hora e nada de minha mãe aparecer. Então o meu pai começou a ficar muito preocupado por ela estar demorando tanto. Deixou-me, portanto, com a moça da barraca de cereais e saiu para saber o que tinha se passado com a sua esposa. A moça era muito conhecida da gente, ele não me deixaria com ela, do contrário. Era impossível o meu pai deixar-me com alguém desconhecido. Não foi a primeira vez que fui deixado aos seus cuidados, isso por ela ser muito confiável, totalmente. Chamava-se Frida Nelson, muito meiga e atenciosa. Gostava bastante de cuidar de mim quando tinha a oportunidade.

Após deixar-me com a Frida, o meu pai, dessa forma, partiu depressa e preocupado com a esposa. Saiu a passos largos, quase correndo, sem pensar em nada mais, a não ser em saber que nada de ruim havia acontecido com a sua mulher. A sua mente estava focada apenas em chegar a casa, por isso, sem perceber, ele perdeu a sua capacidade de pressentir o perigo iminente. Agora a sua mente estava apenas concentrada em saber que ela estaria bem. Distraído, atravessou a faixa sem nem sequer olhar para os lados, como o recomendável, para se certificar se o sinal estava fechado para veículos. Portanto, ao atravessar a faixa, foi atingido por um carro desgovernado, tirando a sua vida instantaneamente.

A tragédia ocorreu a pouco mais de quinhentos metros da feira livre, na encruzilhada da Rua Férmio Messias, a rua mais movimentada da cidade. Eu vi pessoas correndo e comentando sobre um possível acidente que lá ocorreu. Contudo, ninguém sabia o que havia realmente acontecido. Ainda assim, muitas delas queriam ir até lá para desvendar esse mistério. Eu, inocente como toda criança, fiquei no mesmo lugar em que o meu pai me deixou. Não passava em nenhum momento pela minha cabeça que havia acontecido o que aconteceu, nunca, jamais.

As horas avançaram mais e mais. O meu pai e a minha mãe não apareciam. Então comecei a angustiar-me por não tê-los ali comigo. Jamais havia passado tanto tempo sem ter pelo menos um dos dois por perto, exceto quando estava na escola. Sentia-me solitário, desamparado e vulnerável, foi como se tivesse sido deixado para trás, como se eles tivessem se esquecido de mim.

Aproximava-se a noite, lágrimas começaram a escorrer dos meus olhos, a angústia aumentava cada vez mais. Vagarosamente, o choro aproximava-se, dizendo-me ter acontecido algo muito ruim. Repetidamente, a minha mente lançava pensamentos obscuros, fazendo-me sentir muito pior. O meu subconsciente me dizia constantemente: os seus pais o abandonaram! Os seus pais o abandonaram!

A minha mãe, em casa, passava mal. Havia ficado tonta repentinamente, bem no instante que se preparava para sair. Só ela em casa, ninguém que pudesse ajudá-la, nem mesmo um vizinho curioso apareceu quando mais precisava. Estava com a pressão arterial altíssima. Esqueceu-se de tomar o seu remédio, quando, na verdade, não deveria. Não conseguia ficar de pé, tampouco caminhar até o seu quarto para pegar o remédio, que estava na mesa de cabeceira. Arrastava-se pelo piso da sala, tentando chegar ao menos ao telefone e ligar para a emergência. Com muita persistência e esforço, conseguiu chegar ao telefone, que ficava na cozinha. Ligou, portanto, para a emergência. A sua voz quase não saiu. A atendente não entendeu praticamente nada do que ela disse de imediato. Por fim, disse precisar imediatamente de uma ambulância. Fora a última coisa que conseguiu pronunciar. Os paramédicos chegaram minutos depois, encontrando-a caída no chão da cozinha, ao lado do telefone, quase desacordada.

Naquele dia, antes da inesperada morte do meu pai, peguei os meus pais dançando agarradinhos em plena manhã. Era como se fossem um casal adolescente de namorados, completamente apaixonados. Fiquei a observá-los, sem que eles percebessem, durante vários minutos. Dançavam uma música lenta, melancólica, aliás, rentes um ao outro. O meu pai a conduzia como um verdadeiro cavalheiro, tendo as suas mãos em volta da cintura dela, não muito abaixo nem muito acima. Ela envolvia o seu pescoço com as suas mãos macias e delicadas. Continuaram dançando mo-

rosamente, sempre sorridentes. A minha mãe tão jovem e bela trazia um sorriso lindo nos lábios, um sorriso repleto de alegria e amor. O meu pai igualmente jovem, vistoso e charmoso, podia até ser comparado com um daqueles galãs de filme. O seu amoroso sorriso exalava companheirismo e alegria. Continuei observando-os até a música acabar. Beijaram-se no final da dança, um beijo longo e apaixonado. Aquele momento ficou guardado nas minhas lembranças durante todos esses anos. A última lembrança de um lindo romance que chegou ao fim da maneira mais triste e extemporânea possível. Sem saberem, se tornaria a despedida jamais planejada. Eu não entendia o que significava tudo aquilo na época, mas vê-los ali dançando, apaixonados, foi algo raro e belo. O que eu mais queria era ter presenciado mais momentos como aquele, mas, infelizmente, não pude.

A minha mãe estava no hospital. Encontrava-se estabilizada, aguardava os médicos lhe darem alta. Não tinha noção do que havia ocorrido com o seu esposo. Só sabia que ele, àquela hora, seja lá onde estivesse, estaria muito preocupado por ela não ter aparecido onde deveria aparecer. Ela queria apenas ir para casa e procurar saber onde o meu pai e eu estávamos; se na feira livre ou em outro lugar qualquer. Entretanto, nem imaginava que o pior havia acontecido.

O meu pai, bom, estava lá, morto, no meio da rua, não podia se preocupar com mais ninguém e com nada. A sua vida havia sido ceifada sem nem mesmo ter tido a possibilidade de lutar por ela. Contudo, se tivesse tido a oportunidade, eu tinha certeza de que teria lutado até não poder mais. Não se entregaria à morte tão facilmente, não se pudesse lutar.

Eu estava na barraca de cereais ainda, chorando constantemente. Frida tentava me consolar, mas sem muito sucesso. A única coisa que eu queria era estar em casa com os meus pais. Nada nem ninguém iria conseguir convencer-me do contrário. Por mais que eu gostasse de ficar com a Frida, não havia nada que ela pudesse fazer para conter o meu choro e, consequentemente, a minha tristeza.

Ainda no hospital, a minha mãe angustiava-se. O seu radar de esposa lançava, a cada instante, sinais de que algo terrível havia acontecido. Não sabia o que exatamente, mas sabia que sim. Ela era muito jovem na época. Ainda não tinha muita experiência no que se tratava de pressentir coisas ruins. No

entanto, conseguia, nem que fosse por um breve minuto, às vezes, pressentir coisas terríveis, assim como o meu pai pressentiu a seu respeito.

A poucos minutos do hospital e da feira livre, o corpo do meu pai era posto no saco preto. Ao seu redor havia várias pessoas. Havia a equipe de paramédicos, alguns policiais e uma dúzia de desocupados, pessoas que sempre aparecem bisbilhotando em momentos como aquele. As duas pessoas mais importantes para ele, por exemplo, eu e a minha mãe, não estavam lá. O seu corpo foi colocado na ambulância pelos paramédicos, que o levaram para o necrotério. Como um indigente, o seu corpo precisava ser identificado pelos parentes mais próximos (esse é o procedimento padrão em casos como aquele).

"Derramando rios de lágrimas", fui levado pela Frida para casa. Ela havia acabado o seu expediente e já podia levar-me para lá. Segurou a minha mão e conduziu-me pelo caminho de volta para casa. Em todo aquele tempo, foi o único momento em que não me senti tão péssimo. O desejo que eu tinha de poder chegar logo a casa e dar um abraço nos meus pais amenizou a angústia e o choro.

Chegamos a casa alguns minutos depois. Antes mesmo de estar próximo de lá, eu saí correndo loucamente, deixando a Frida para trás. Pensava apenas em ver os meus pais, mas, ao chegar ao portão de entrada do nosso gramado, avistei a porta e a janela fechadas. Isso significava que não havia ninguém lá, já que a janela sempre estava aberta quando tinha gente em casa.

A angústia, a tristeza e o choro sobressaíram mais uma vez. Dessa vez diferiu das anteriores. Eu não tinha muita noção do que realmente significavam aqueles sentimentos, mas pude sentir se tratar de perda. Somos ligados de alguma forma a quem amamos, por isso, se por uma eventualidade acontecer algo ruim com alguém assim, imediatamente pressentimos haver algo errado.

A Frida morava cinco casas após a nossa. Dessa forma, levou-me para ficar lá com ela e com Frederico Nelson, seu esposo, até os meus pais aparecerem. Eu, cabisbaixo, caminhei com a sua mão segura à minha. Tentando me consolar, ela dizia, com voz doce, que tudo iria ficar bem. Disse que logo, logo os meus pais estariam em casa novamente. Falou ainda

que era apenas uma questão de tempo. Eu queria que fosse verdade, gostaria que ela estivesse certa, mas, infelizmente, não estava. Quando chegamos à sua casa, o seu esposo encontrava-se sentado, na sua varanda, à sua espera. Isso era por volta das seis e meia da noite. Chegamos, cumprimentei-o com "boa noite" e quase que ele não escuta, já que a voz saiu junto a soluços constantes devido ao longo período de choro.

Estando na sua casa, eles conduziram-me porta adentro, levaram-me até a sala de estar e me pediram para ficar um pouco lá. Enquanto isso, eles tinham que conversar. Saíram para a cozinha para conversarem a sós. Pela expressão facial do Frederico, o assunto, que tinha de falar com a Frida, parecia ser muito sério. Conversaram como se estivessem tentando esconder algo de mim. Eu, curioso como era, fui bisbilhotar a conversa. Ele disse à Frida que a minha mãe havia sido levada ao hospital após se sentir mal. Depois disse que ligaram do hospital e disseram estar tudo bem com ela. Precisava apenas ficar por mais um tempo lá, pelo menos até se sentir melhor (isso há duas horas).

A notícia me fez chorar mais uma vez. Dessa vez foi com um pouco de alívio. Alívio por saber que a minha mãe estava bem, mesmo após ter passado mal e de estar no hospital. Apenas restava saber do meu pai. Onde ele se encontrava? Com quem estava? Como estava? Essas perguntas surgiram repentinamente uma após a outra, completamente embaralhadas na mente, deixando-me confuso e muito mais preocupado que antes.

Lá pelas oito horas da noite, no hospital, a minha mãe recebeu a notícia do falecimento do seu esposo. O seu falecimento foi como uma lança no seu peito, tirando a parte mais importante de si: o seu coração. Sim, pois, para ela, ele era seu coração. Ele teve um importantíssimo papel no seu propósito de mudança de vida. Fora ele quem a levou a acreditar em algo maior. Também fê-la acreditar que a vida é bela o suficiente para continuar indo em busca do que a faz ter sentido. Por passar por um momento perturbador na vida, acreditou não ter sentido continuar vivendo. Contudo, ao conhecê-lo, de alguma forma, convenceu-se de que havia uma beleza esplêndida por detrás da vida. Que havia uma força sobrenatural que a movia, e que valeria muito a pena deixar-se mover por ela.

Mesmo sem ter a força necessária, ela foi levada para fazer o reconhecimento do corpo. Após fazer isso, a dor se multiplicou. Desta vez, fazendo-a quase ter outra crise como a de horas antes.

A sua morte poderia ter destruído tudo o que ela conseguiu conquistar. Poderia ter feito com que ela, mais uma vez, perdesse a vontade de viver. Do nada surgiram, na sua mente, pensamentos dizendo-lhe que tudo havia acabado. Dizendo-lhe que era hora de desistir, que nada mais fazia sentido e que deveria tirar a sua própria vida. Ela desejou fazer isso por muitas vezes, mas não o fez. Uma parte importante havia sido arrancada de si, a minha mãe tinha convicção disso, mas não era a única. Por um tempo, o seu esposo fora a única razão pela qual fazia sentido viver. No entanto, isso mudou com o nascimento de seu querido filho e com o surgimento de sua fé.

A dor da sua morte foi mais que apenas uma parte de si que havia sido levada. Também foi saber que nunca mais iria vê-lo e tê-lo novamente.

Do hospital, a minha mãe ligou uma hora mais tarde, pedindo a Frida para me levar para casa, que ela chegaria logo. Sem saber ainda do falecimento do meu pai, fiquei muito feliz por finalmente poder ir para minha própria casa.

A minha mãe chegou. Ao vê-la, corri e lancei-me nos seus braços, beijando-a repetidamente na sua face. Ela abraçou-me apertado, mas não muito forte, beijando-me também e disse que me amava muito, eu disse o mesmo.

O pior estava por vir. A minha mãe, com muito cuidado, chamou-me carinhosamente ao sofá da sala e me mandou sentar, pois tinha algo dizer. Antes de começar a falar o que tinha a dizer, perguntei-lhe sobre o meu pai, querendo saber onde ele estava. Falou, dessa forma, que era justamente sobre o meu pai que queria falar comigo. Sentada no sofá, puxou-me para perto de si. Pegou a minha mão e a beijou, abraçou-me e acarinhou a minha face. Com as suas mãos, pegou a minha e pôs entre as suas. Tendo o olhar triste, olhou no fundo dos meus olhos. Os olhos quase sem vida, junto a lágrimas, que jorravam constantemente. Sem mais delongas, disse que o meu pai sofrera um acidente fatal. Explicou que morrera atropelado por um carro.

Sabe quando a gente é criança e se apega tanto a algo e essa coisa é tirada do nosso domínio repentinamente? Suponho que sim. Pois bem, foi exatamente assim que eu me senti quando soube do falecimento do meu pai. O desespero tomou conta de mim, deixando-me sem chão. A coisa era o meu pai. Eu o perdi num piscar de olhos, num instante estava ali, noutro, não mais. Esvaiu-se repentinamente e nunca mais poderia tocá-lo, jamais.

Abraçados chorávamos, a minha mãe e eu, a perda do meu pai. A nossa união e o nosso amor eram como um porto seguro que nos manteve de pé em meio a um vendaval avassalador.

No dia seguinte, pairava sob o ar de Quarente a triste perda de um filho, esposo, pai e amigo; ele foi tudo isso e muito mais. Como manda a cartilha, honrou cada vocação com dedicação, carinho e amor.

O funeral foi no cemitério local. Centenas de pessoas, de várias partes da cidade, apareceram para prestar-nos as suas condolências. Pessoas que se importavam e que nos amavam verdadeiramente. Cada uma daquelas pessoas tinha uma história para contar sobre o meu pai. Qualquer uma delas o conhecia o suficiente a ponto de ali estar. Cada uma sentia, à sua maneira, a dor da perda. A perda de um grande amigo, que tinha sempre um ótimo conselho quando alguém mais precisava. A perda de um filho, que sempre soube ouvir e pôr em prática os conselhos dos pais. A perda de um pai, que sempre soube educar, dizendo o que precisava ser dito e fazendo o que carecia ser feito. E a perda do esposo, que deu sempre o seu melhor, cuidando e amando como pôde e até não poder mais.

Em meio a lamentações e lágrimas, familiares, amigos e conhecidos se despediam de Gregório Mendes Silva. Fora-se para sempre, deixando saudade em cada coração remanescente. Mesmo com a sua partida, havia a certeza de que jamais seria esquecido, permanecendo guardado nas nossas memórias e corações para sempre.

Como a chuva que começa e passa, assim também é a vida: tem começo e fim. Começa com a concepção e termina com a morte, obviamente.

Morte: mesmo sabendo ser inevitável, nunca nos conformamos com ela. Passe o tempo que passar, sempre iremos sentir a dor da morte e o pesar da perda, porque quem ama sente e sempre sentirá.

Entre choro, soluços e lágrimas, como todas as outras pessoas que se encontravam ali no cemitério, eu me despedi, pela última vez, do meu pai. Uma despedida de adeus, não de até breve, visto que ele se fora para não mais voltar. As lágrimas, que escorriam na minha face, eram sinais óbvios do imenso amor que eu tinha e tenho, até então, pelo meu querido pai.

O canto dos pássaros formava uma belíssima sinfonia. Por algum motivo, trazia um minúsculo instante de conforto para o meu terrível momento de lamentação. Foi assim o pior momento da minha vida.

O temporal não cessava. O vento zumbia na rua. Trovões roncavam em alto som. Relâmpagos, de tão fortes, iluminavam como o dia. Os raios, a se lançarem entre as nuvens, desenhavam caracóis no ar, a beleza de um fenômeno natural magnífico.

No final da tarde daquele mesmo sábado, o temporal cessou. Não pude jogar o futebol que eu tanto queria, pois o campo ficava ao ar livre. Portanto, quando chove, como choveu àquela tarde, o campo alaga, impossibilitando jogar futebol lá. Devido ao temporal, não só o campo em que se joga futebol ficara alagado, mas também metade da cidade. A cidade de Quarente fica às margens do rio Nelôme, assim quando chove em excesso o seu nível geralmente sobe dois metros, deixando metade da parte mais baixa da cidade submersa.

Os alagamentos eram frequentes, deixando quase toda a cidade submersa, até 1985. A partir de então, o prefeito e os moradores com mais influência fizeram um desvio no rio, que diminuiu bastante o seu nível. Devido a isso, os alagamentos foram reduzidos a quase zero, exceto em temporais em excesso. Naquele dia não houve grandes perdas por parte dos moradores, já que eles estavam preparados para tal acontecimento, embora tenha sido inesperado.

Na noite daquele mesmo dia, peguei-me a pensar como e quando me tornei uma pessoa tão cínica, estúpida e egocêntrica. Tornei-me alguém que desonrou descaradamente a memória do meu pai, pois passei a ser alguém que ele jamais quis que eu fosse. O pior disso tudo foi que, por um tempo, gostei de ser esse idiota. Gostei de fazer coisas idiotas. Coisas que os meus pais sempre me ensinaram serem tolas. As mesmas coisas que denigrem a integridade e dignidade de uma pessoa. Hoje, quando olho para

trás, sinto vergonha, mesmo que por apenas um curto período, do tremendo idiota que fui. Comecei a mudar no momento em que menos esperava, em que eu nem imaginava acontecer. Tudo começou a dar muito errado um pouco mais de quatro anos antes de 1995.

CAPÍTULO UM

Início da primavera de 1991, domingo à tarde, dia limpo. O céu encontrava-se livre para expor seu azul-celeste. Temperatura um pouco elevada, mas nada muito desagradável. A brisa suave amenizava o calor: este foi o dia em que tudo começou a sair dos trilhos. O dia em que a minha vida virou de ponta-cabeça. Hoje, se alguém me perguntar se estou arrependido do que aconteceu naquele dia, digo-lhes que sim. Principalmente aquela época, embora pareça ter sido muito boa, extraordinária, mas foi apenas aparentemente.

Houve um encontro de amigos, naquela tarde, na casa de um conhecido nosso. Fazíamos esses encontros quase sempre. Isso era uma coisa nossa. Começamos a fazer os encontros desde que nos conhecemos, ainda no ensino fundamental. Passamos a ser um trio quase inseparável, estávamos juntos sempre, não importava dia, hora e lugar. Estávamos sempre lá.

— Mãe, onde está a minha camisa do encontro dos amigos? Não estou encontrando-a em lugar nenhum — gritei meio impaciente.

— Está sob as outras camisas suas, no guarda-roupa, na gaveta do meio! — gritou lá da cozinha.

— Estou procurando-a há horas, e não a encontro, que droga! — disse um palavrão pela primeira vez em toda a minha vida.

— Como é, rapaz? Olha como fala aqui em casa! Você sabe as regras! — ela rebateu com voz alta e firme.

Não sei como, mas foi desde aquele exato instante que comecei a ficar estranhamente diferente. Comecei a agir como jamais havia agido antes.

— O que deu em você hoje, para falar desse jeito? — falou preocupada.

Pergunta que nem mesmo eu sabia responder àquela altura.

— Desculpe-me, mãe, não irá se repetir, prometo!

Fiz uma promessa, mas não fui capaz de cumpri-la.

— Assim espero. Não admito palavrões sob o meu teto! — completou com tom de superioridade.

Foi a primeira vez que tivemos uma conversa como aquela, já que, até então, ainda não havia dado motivos para tal feito.

Aquela conversa foi por volta das treze horas, um pouco antes de eu ir para o encontro. Continuamos a conversar por mais alguns minutos a respeito do assunto em questão. Chegamos, então, a um consenso: concordei com os seus termos como de costume e sem contestá-la. Apenas não imaginava que, mesmo depois da conversa que tivemos, eu acabaria por descarrilar para o abismo.

Lancei-me, meia hora antes do horário marcado, a pé em direção ao local do encontro. O local não era muito longe, portanto quis ir caminhando. Caminhando pela calçada da Rua Meira Montes, notei várias casas fechadas, significando que os moradores estavam no culto da tarde, na capela da vizinhança. Continuei em frente, em direção ao meu destino. Teria que passar mais uma vez pela rua que nem gosto de lembrar o nome (Férmio Messias). Todos já sabem o motivo pelo qual isso se dava. Toda vez que passava por lá era inevitável virem lembranças aterrorizantes à minha mente. Apesar disso, com o passar do tempo, soube lidar com a situação, mesmo não sendo tão fácil assim.

Faltavam poucos minutos para o destino em questão. Ao passar em frente à lanchonete (Mais que Sabores), vi umas pessoas ali reunidas (a lanchonete mais frequentada de toda a cidade, justamente por ser localizada na rua mais movimentada). Aparentemente, as pessoas faziam números de mágica. Eram umas dez pessoas ao todo: sete adultos e três adolescentes; dois garotos e uma garota. Todas as vezes que fui lá com os meus amigos e outras vezes com a minha mãe, jamais as vi reunidas ali antes.

Como me restava ainda um pouco de tempo para estar no encontro, parei e fiquei a observá-las. Tais pessoas estavam apenas ensaiando uns truques. Não sei exatamente se era isso o que elas faziam, talvez sim, talvez não, não quis perguntar. Eu era o único espectador em meio a outras pessoas que passavam por ali. Enquanto estava a observá-las, peguei-me a trocar olhares com a garota que integrava o grupo. Continuamos a olhar um

para o outro. Ela sorriu para mim, um sorriso cheio de ternura, que nunca me esquecerei. Retribuí quase da mesma forma com um sorriso sincero. A garota era adolescente como eu, belíssima, a mais bela que já vi em toda a minha vida. A sua pele clara lembrava a água cristalina. O tempo pareceu haver estagnado enquanto a observava quase que obcecadamente. Mesmo sem conhecê-la, sem nem sequer saber o seu nome, senti estarmos conectados, não sei como, mas foi o que pareceu, pelo menos para mim.

O tempo, que pareceu ter estagnado, passou tão de repente que nem percebi. Assim, me dei conta de que já estava bastante atrasado para o encontro. Saí às pressas, correndo como um louco, por muito pouco não atropelei quem estava no caminho. Antes de sair, a garota acenou, como uma despedida, para mim. Aquele foi um aceno de adeus, a meu ver, já que não a vi por vários anos.

Cheguei atrasado ao encontro. Patrício Álvares, Fredie Alcântara e os outros me aguardavam impacientes do lado de fora da casa, próximo à entrada. Havia mais pessoas do que esperávamos. Era para ser "o encontro dos garotos", mas havia várias garotas também.

— Cara, você está muito atrasado! Onde se meteu, para chegar a essa hora? — disse Fredie, frustrado.

— Perdi a noção do tempo, mas não é para tanto! Foram apenas alguns minutos — expliquei.

— Dessa vez está perdoado, mas que não se repita, pois, na próxima, sabe o que acontecerá — brincou Fredie, dando-me um sutil empurrãozinho de ombro.

— Achei ser um encontro de garotos, mas não tenho a certeza disso — falei.

— Exatamente. Era, mas sabe como é essa galera, não consegue manter nada em sigilo. Vai passando de um para outro e, no final, acabou desse jeito que está vendo. "Capite" — explicou Patrício.

O que deveria ser somente uns dez garotos virou uns quarenta adolescentes. Mais da metade deles eram meros rostos desconhecidos. Nem imaginava de onde haviam saído tantos deles em tão pouco tempo. Parecia que a cidade inteira estava sabendo do encontro que, a princípio, era

secreto. Àquela altura já não importava mais, o que era para ser um mero encontro virou uma festa mais que louca.

Fomos todos para a piscina. Já havia vários deles (adolescentes) bebendo. Não compreendi como conseguiram tanta bebida alcoólica em tão pouco tempo, já que todos que ali se encontravam eram menores. Estávamos todos a caminho de fazer algo extremamente criminoso, já que se fôssemos pegos bebendo seríamos, no mínimo, obrigados a cumprir pena de uma noite na delegacia. (Na cidade de Quarente, menores de idade não podiam nem pensar em tocar o mínimo de bebida alcoólica na ponta da língua). Então, quem havia comprado aquelas bebidas? Eu meio que já sabia qual era a resposta para essa pergunta. Eu conhecia o Patrício e o Fredie muito bem para saber que eles haviam feito alguma tramoia, e uma das grandes como sempre. Aqueles dois não perdiam tempo mesmo, estavam sempre aprontando algo inesperado.

Já por volta das dezoito horas, a festa estava no auge. Alguns dos adolescentes encontravam-se embriagados. Muitos deles haviam ultrapassado os seus limites. Alguns deliravam, vendo e ouvindo coisas que nem mesmo eles sabiam o que eram. Outros dormiam onde caíam e, por fim, outros vomitavam em seus próprios pés. Aquele cenário era insano de se ver. Perguntava-me como eles conseguiam chegar a tal ponto. Eu não tinha a menor ideia de que poderia acontecer comigo o mesmo que estava acontecendo com eles. Ainda assim, julgava-os, nos meus pensamentos, acusando-os de alcoólatras sem prestígio. Dizia a mim mesmo jamais chegar a tal ponto, como se eu fosse o tal, como se fosse melhor que qualquer um deles, como se fosse incapaz de cometer erros. Chamava-os de fracos patéticos, pois se deixavam influenciar por pequenas coisas fúteis, bobas e tolas.

Sem que eu nem sequer percebesse, cairia na armadilha que achava ser totalmente imune. Bastou apenas um sorriso cativante e uma bela face, que vieram na minha direção, montados num corpo esbelto, para me desestabilizar (ela tinha um pouco mais de um metro e sessenta de altura, cabelos castanhos claros e longos, pele bronzeada e sorriso sedutor). Aquela bela garota foi o bastante para eu me entregar à perigosa tentação que viria para me desatinar. Como incorruptível que sempre imaginei ser, fui incapaz de resistir ao charme e à beleza da Fiorena. Bom, poucos

ou quase ninguém resistiria. Digo isso por experiência própria. Ela veio de repente, olhou diretamente na minha direção, parecia até me conhecer (no momento achei ser muito pouco provável, pois não me recordava de já ter cruzado com ela antes). Com certeza lembrar-me-ia de uma garota linda como ela, já que não era tão fácil se esquecer daquela bela face. Sei bem disso, pois levei muitos anos para esquecê-la.

— Olá, Théo! Sou a Fiorena Arantes. É um prazer poder finalmente conhecê-lo — cumprimentou-me e sentou-se ao meu lado.

— Olá, Fiorena! O prazer é todo meu — falei, dando-lhe um firme aperto de mão.

Instantes após a nossa apresentação, o Patrício aproximou-se com um copo na mão, cambaleando. Mal conseguia ficar de pé, mesmo assim tentou dizer algo, mas sua voz, de tão enrolada, não saía. Antes disso, falei:

— Patrício! Já está passando da hora de parar de beber! — falei com autoridade.

— Estou… começando agora… — ele gaguejou e continuou: — Estou de boa, cara… Só me divertindo… Só me divertindo... — falou e saiu.

Poucos instantes depois, ele desmaiou no gramado, ao lado da piscina. Caiu de cara no chão, por muito pouco não levou um belo de um trompaço.

— Este é o Patrício, já bebeu demais da conta — falei após alguns segundos.

— É, sei disso — afirmou em relação ao seu nome e ao seu estado.

— Sabe? De onde o conhece? Desde quando o conhece? Somos amigos há um bom tempo, e eu nunca soube de você.

— Sim, sei disso. Somos primos. Conhecemo-nos desde sempre, mas não nos vimos muito nos últimos anos, pois eu estava morando em outra cidade.

Ela, enquanto explicava, quase sempre tocava em mim. Às vezes tocava em mim com a mão. Outras vezes tocava em mim com o cotovelo e toques com o ombro.

— Ah, é? Não acredito que ele nunca me falou de você. Preciso ter uma conversa séria com ele — falei descontraidamente.

Ela riu e deu tapinhas no meu braço. A conversa, de tão interessante, continuou por mais vários minutos.